



## A coluna da Peste

A peste bubônica tem como vilã a bactéria *Yersinia pestis*. Alojada no tubo digestivo da pulga *Xenopsilla cheopis*, ela está sempre pronta para invadir o sistema linfático de alguém que venha a ser azaradamente picado por tão indesejado inseto.

O rato preto (*Rattus rattus*), enquanto vivo, em seu pelo aquecido, pode abrigar um número expressivo de pulgas. Com a morte do rato as pulgas abandonam seu corpo agora frio e, em busca de calor atacam qualquer pessoa que infelizmente esteja em seu caminho.

Infectado, o doente apresenta febre, linfonodos fartamente ingurgitados, ou bubões (daí o nome peste bubônica), e hemorragias na pele que aparecem como manchas escuras (daí o nome peste negra).

A cidade de Viena, na Áustria, carecia no século XVII de cuidados mínimos de higiene. O lixo amontoava-se nas ruas e não havia saneamento básico. Seu movimentado porto fluvial no Danúbio, rio que corta a cidade, colaborava para que os ratos tomassem conta de Viena.

Em 1679 aconteceu a tragédia. Estima-se que aproximadamente cem mil habitantes de Viena faleceram numa grande epidemia de peste bubônica.

O rei Leopoldo I escapou de morrer, pois fugiu em pânico para cidade vizinha. No exílio, fez uma promessa que

retornaria a Viena assim que a peste já não estivesse mais dizimando seus súditos e mandaria fazer, no centro da cidade, um memorial em homenagem aos mortos e em agradecimento a Deus pelo fim da praga. A peste acabou, o rei voltou e a promessa foi cumprida.

O memorial, inicialmente construído em madeira, foi substituído em 1693 por uma volumosa escultura em estilo barroco construída no calçadão da Graben, uma movimentada rua de comércio chique.

A escultura, chamada Coluna da Peste (*Pestsäule*) ou Coluna da Santíssima Trindade, é resultado do trabalho de vários artistas, como Mathias Rauchmiller, Tobias Kracker, Johann Bendel e Paul Strudel.

No ápice da coluna está o Espírito Santo sob a forma de pomba, ladeado por Deus, que abençoa com sua mão direita a cidade de Viena e, pelo Filho, que tem em sua mão uma grande cruz.

“ A escultura, chamada Coluna da Peste (*Pestsäule*) ou Coluna da Santíssima Trindade, é resultado do trabalho de vários artistas.”

Todo esse conjunto, que repousa sobre muitas nuvens repletas de querubins, foi revestido com material dourado reluzente.

No meio da coluna vê-se Leopoldo I – que também era imperador do Sacro Império Romano-Germânico – portando uma espada dourada, caído de joelhos, numa prece de agradecimento a Deus pelo fim da epidemia.

Ao seu lado, um pequeno anjo alado segura a coroa dourada do rei, que a havia tirado da cabeça em sinal de respeito e humildade perante o Criador.

Na base da Coluna da Peste chama atenção a escultura de uma bruxa velha caída de costas, simbolizando a derrota da epidemia, e a de uma mulher jovem, segurando uma cruz que representa os sobreviventes da peste negra.

Ao fim da rua Graben, encontra-se a monumental catedral de Santo Estevão, cujo subsolo guarda os ossos de muitos vienenses que sucumbiram à peste bubônica.

Passada a catástrofe, Viena tornou-se um exemplo para a humanidade. Graças à vida cultural, à segurança e à exce-



lência dos demais serviços públicos oferecidos a sua população, Viena é atualmente considerada uma das melhores cidades do mundo para se viver.

Cidade que acolheu Freud, o pai da psicanálise, Viena orgulha-se de ser a capital da Áustria – um indiscutível berço cultural na Europa.

São austríacos, dentre tantos personagens famosos, compositores como Johann Strauss (O Danúbio Azul), Franz Schubert (Ave Maria) e Wolfgang Amadeus Mozart (As Bodas de Fígaro).

Com a *Pestsäule*, os vienenses mantêm vivo o conhecimento hipocrático de que a higiene é um dos fundamentos da medicina no sentido de possibilitar o triunfo da saúde sobre a doença e a morte.

